



## XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

### SANTANA MESTRA E SEU TRONO EM MINIATURA

**Angela Brandão**

UFJF

Uma curiosa forma de representação de tronos em miniatura esteve bastante presente na arte brasileira do século XVIII, associada às imagens de Santana Mestre. Esposa de São Joaquim, mãe de Nossa Senhora, Santana foi tradicionalmente representada como senhora em idade avançada. Como Santana Mestre, na cena da Educação da Virgem, foi representada de pé com um livro nas mãos ao lado de Nossa Senhora Menina, sobretudo no nordeste do Brasil e sul de Portugal; ou aparece sentada com o livro nas mãos e a Virgem Menina de pé, ao seu lado, como foi mais comumente representada no norte de Portugal e em Minas Gerais. A Santana Mestre está entre as invocações, e portanto entre as representações mais correntes no contexto da arte mineira colonial. Isso se deve certamente ao fato de ter sido adotada como padroeira dos mineradores. Contudo, foi também tomada como padroeira dos carpinteiros e marceneiros. Parece sugestiva a hipótese de que, num universo de sobreposição das atividades de ofícios semelhantes, onde muitos indícios apontam que carpinteiros dedicavam-se a encargos de talha, escultura e marcenaria e vice-versa, pudessem compartilhar uma padroeira em comum, ao lado de São José. Mas cabe refletir sobre a possibilidade de que, em se tratando da padroeira de carpinteiros e marceneiros, a representação de Santana Mestre sentada em móvel de honra também apresentaria, com capricho e orgulho, o mobiliário como resultado do trabalho elaborado destes artífices da madeira. O trono em



## XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

miniatura teria um duplo sentido, indicar a idade avançada e o papel de Santana como mestra de Maria e, ao mesmo tempo, enaltecer o ofício dos carpinteiros e marceneiros, seus devotos. Vale observar alguns exemplos no conjunto desta iconografia no Brasil colonial, com o intuito de perceber as diferentes formas de tratamento da pequena, mas solene peça de mobília. Parece ter havido, basicamente, três caminhos adotados pelos escultores de imagens de Santana no momento de conceber o assento de honra onde ela seria representada, adequados ao nível de erudição da peça, sem necessária ordem cronológica. O primeiro seria o da estilização de uma cadeira como um móvel irreal e apenas simbólico. O segundo caminho seria a adoção de miniatura de uma cadeira real de uso corrente, sem efeitos de luxo, de estilo nacional-português. O terceiro caminho reproduziria em miniatura uma cadeira real nos estilos de mobiliário do século XVIII, D. João V ou D. José I.

### **Santana Mestre, trono, história do mobiliário brasileiro.**